



IV Simpósio Internacional de **Acolhimento Familiar**

Campinas/SP – 20 a 23 de março de 2023

Apresentação oral - resumo

Realização



UNICAMP



INSTITUTO
Geração Amanhã

Trabalho técnico e vinculação afetiva: reflexões acerca da atuação da equipe técnica do SFA

Julia Salvagni
Soraya Kátia Pereira

Introdução O Serviço de Acolhimento em Família Acolhedora (SFA), previsto no artigo 101, inciso VIII, é um serviço no qual famílias da sociedade civil são cadastradas, selecionadas, capacitadas, habilitadas e acompanhadas, por uma equipe psicossocial, para acolher, em suas casas, crianças em medida protetiva de afastamento familiar. Essas famílias são captadas e preparadas pela entidade executora do serviço, e cuidarão da criança acolhida até a sua liberação judicial para reintegração familiar, ou para família substituta (BRASIL, 1990; BRASIL, 2009). Dessa forma, é um diferencial desta modalidade de acolhimento e uma das premissas fundamentais de sua defesa o olhar um a um, e nesse sentido, há uma profusão de discussões a respeito da implementação deste serviço, de seus benefícios para o público atendido e acerca do processo de formação e acompanhamento das famílias acolhedoras. Todavia, há pouca discussão sobre a relação entre equipe técnica psicossocial e criança, família acolhedora e família de origem, em especial no que diz respeito ao vínculo afetivo entre a equipe e os sujeitos com os quais se relaciona no cotidiano do trabalho. O Guia de Acolhimento Familiar, em seu caderno 6, pontua acerca da importância de ir além do paradigma da neutralidade para poder compreender a importância da implicação afetiva da equipe nas ações desenvolvidas. E que é a partir desse investimento e de um cuidado relacional, que se proporciona o fortalecimento da equipe psicossocial, enfrentando um dos principais desafios da política de acolhimento que é a rotatividade de profissionais. Que, por sua vez, é extremamente prejudicial à qualidade técnica do trabalho desenvolvido. O SFA possibilita o investimento nesse olhar singularizado com todos que o compõe, o que é ímpar considerando que o acolhimento constitui uma situação de ruptura, na qual a partir de uma circunstância avaliada como de risco, o sujeito será separado do universo de relações que conhece e a partir dali terá novos atores em seu cotidiano. Logo, para lidar com esse contexto, é ímpar que o ambiente que irá acolher esse indivíduo seja suportivo e afetivo, bem como os profissionais que serão responsáveis pelo acompanhamento do caso. **Objetivo:** Este trabalho propõe debater a importância da vinculação da equipe técnica com os demais envolvidos no cotidiano do SFA, bem como a de espaços de escuta e formação pessoal e profissional desta equipe como forma de investir na qualidade e boa execução (ética e técnica) do SFA. **Método:** Este trabalho refere-se a um relato de experiência sobre o processo de

implementação e execução de um SFA, do ponto de vista do investimento em formação e pessoal e profissional da equipe técnica. Será realizada a contextualização do processo de seleção da equipe, sua preparação inicial, os ciclos de continuidade do processo formativo, supervisão psicológica, bem como a análise da importância de uma implicação afetiva dos técnicos com o acompanhamento de cada caso, e dos sujeitos que os compõe. Por meio desse encontro com o outro, e na segurança que ele proporciona, constrói-se a possibilidade de abertura para as demais relações e encontros. O ambiente provê recursos, tanto com falta como com presença, para que seja viabilizada a construção de novos aportes emocionais e psíquicos e isso terá efeitos e repercussões ao longo da vida. **Resultados:** O SFA em questão foi implementado no território por uma OSC que já possuía uma trajetória de mais de duas décadas de atuação. Dessa forma, antes de iniciar o processo de seleção de equipe, os membros da OSC delimitaram critérios de seleção, dentre eles pontos que seriam abarcados dentro de uma escolha sociométrica, ou seja, pautados por relações já estabelecidas no cenário da OSC que poderiam contribuir para um ambiente de trabalho saudável e, sobretudo, com o delineamento de um serviço de qualidade técnica. A equipe escolhida passou a reunir-se periodicamente para estudar e debater os pontos-chaves do serviço, bem como desenvolver os instrumentais pertinentes ao acompanhamento dos casos que seriam acompanhados por ela. O espaço compartilhado e a continuidade dos encontros fortaleceu a relação entre os membros da equipe. Que desenhou de forma conjunta e dialógica o seu cotidiano de trabalho, sempre com o respaldo técnico necessário. Uma vez que o serviço começou a ser executado de fato, com a formação das famílias acolhedoras e o posterior início dos acolhimentos, a rotina de reuniões passou a ter um espaço destinado para a discussão e escuta de como cada uma estava mobilizada por determinados encaminhamentos e acerca de quais eram os atravessamentos dos casos em seus cotidianos, tanto dentro, como fora do ambiente de trabalho. Foi contratada uma supervisora, externa ao cotidiano do serviço, para garantir o espaço de escuta das profissionais, especialmente sobre os impactos do trabalho em cada uma. O processo de supervisão evidenciou que a cada caso designado abria-se uma nova gama de relações para as profissionais e que de maneira singular elas percebiam-se como uma parte indissociável das trajetórias que acompanhavam, com relações distintas com cada criança, família acolhedora e/ou família de origem. Falar sobre si em cada processo possibilitava uma crescente reflexão sobre as próprias identificações, potencialidades, preconceitos e desafios e isso possibilitava um exercício de proximidade e distanciamento mútuo com a condução técnica dos casos. Aproximar-se por estar envolvida e implicada, afastar-se para ter um olhar amplo da questão e compreender a complexidade abarcada por ela. Dessa forma,

a equipe coloca-se como parte ativa do processo de acompanhamento psicossocial e a relação que estabelece com cada uma das pontas do tripé família acolhedora- criança-família de origem possibilita uma visão mais articulada e ampla dos encaminhamentos a serem feitos para tomadas de decisão seguras e consolidadas. **Resultados:** As vivências de cada sujeito em suas relações têm uma temporalidade própria, de forma que a maturação e a maturidade, ou os impactos que essa relação possui não se relacionam com a passagem do tempo, mas com a qualidade dos vínculos estabelecidos. No processo de acolhimento, as memórias, afetos e aprendizados de cada um dos indivíduos envolvidos passa pelos cuidados recebidos e ofertados, possibilitam pouco a pouco a elaboração da capacidade de cuidar de si e do outro, dessa maneira ampliando a corresponsabilidade social pela convivência comunitária e pela defesa dos direitos das crianças e adolescentes. Na formação continuada e atuação de uma equipe técnica, a disponibilidade afetiva e a verdade como marco relacional permitem um maior contorno psíquico para o cenário do acolhimento e a preparação para o seguimento das ações. Ao iniciar o estudo do acolhimento, é importante que a equipe se aproxime da criança e/ou adolescente com calma e cautela, respeitando os limites demonstrados. A adaptação ao SFA é construída no cotidiano, e trabalhar com a criança e/ou adolescente em medida judicial no acolhimento em família acolhedora é oportunizar que ela esteja em um ambiente que lhe ofereça holding e segurança afetiva, dessa forma ela pode investir na elaboração da ruptura de seus vínculos e investir em sua (re)construção. É ao mesmo tempo oportunizar ao profissional que olhe para si e acolha seus próprios limites e potencialidades, implicando-se em seu compromisso ético da corresponsabilidade pelo afeto e pelo cuidado. Essa atmosfera de cuidado, investimento técnico e escuta garantiu que o referido serviço não tivesse rotatividade em sua equipe técnica, desde sua implementação até os dias atuais, passando apenas por transformações em seu quadro profissional, devido à progressiva ampliação dos profissionais que o compõe.